

TURISMO E INTERCÂMBIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DISCENTE NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SÃO LUÍS, MARANHÃO

TOURISM AND EXCHANGES: CONTRIBUTIONS FOR STUDENTS GRADUATE
IN INSTITUTIONS OF HIGHER EDUCATION IN SÃO LUÍS, MARANHÃO

Saulo Ribeiro dos Santos¹
Protásio César dos Santos²
Letícia Peret Antunes Hardt³
Ana Carolina Jordão⁴

Recebido em 25/02/2013

Aprovado em 31/05/2014

¹ Doutorando em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Assistente 2 da (UFMA). saulosantosma@uol.com.br

² Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA) Professor Adjunto da UFMA e UEMA. Possui experiência nas áreas de relações públicas, meio ambiente e políticas públicas. protasio_cezard@hotmail.com

³ Doutora em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Titular da PUCPR no Curso de Arquitetura e Urbanismo e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU). lpahardt@gmail.com

⁴ Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). cursando MBA em Administração no Instituto Laboro (Universidade Estácio de Sá). aninha_jordao@hotmail.com

RESUMO:

Em atual situação de destaque, o turismo de experiência propicia, mais do que o conhecimento do destino escolhido e a conveniência de momentos de lazer, que o turista tenha a oportunidade de se envolver de maneira entretida, por meio de trocas de culturas, idiomas e identidades, possibilitadas pelo intercâmbio cultural no período em que o visitante se desloca para outro local além da sua origem. Focado nesta temática, o objetivo geral desta investigação científica consiste em identificar as formas pelas quais o turismo de intercâmbio (exterior) auxilia a formação do aluno de graduação das faculdades e universidades em São Luís, capital do Maranhão, para o mercado de trabalho. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas, bem como a aplicação de questionários com ex-intercambistas, professores e gestores locais. Os resultados apontam que o intercâmbio é uma excelente ferramenta para estudantes que pretendem se preparar para o concorrido campo profissional. Assim, conclui-se que é fundamental a vivência no exterior de graduandos como forma de melhoria da sua preparação para as exigências e mutações da sua área de atuação.

PALAVRAS- CHAVE:

Turismo de experiência. Intercâmbio cultural. Mercado de trabalho.

ABSTRACT:

In the current highlighted situation, the experience tourism provides more than knowledge of the chosen destination and convenience of leisure time, that the tourist has the opportunity to get involved so entertained, through the exchange of cultures, languages and identities made possible by cultural exchange in the period when the visitor moves to another location beyond its origin. Focused on this issue, the general objective of this scientific research is to identify the ways in which exchange tourism (abroad) assists the formation of undergraduate students from colleges and universities in São Luís, capital of Maranhão State, for the labor market. To this end, literature searches and interviews were conducted, as well as the questionnaires application with former exchange students, teachers and local managers. this study conducted literature search and interviews and questionnaires with former exchange The results indicate that the exchange is an excellent tool for students who want to be prepared for the competitive professional field. Thus, we conclude that it is essential to living abroad of undergraduates as a way to improve their preparation for the demands and changes of their expertise area.

KEYWORDS:

Experience tourism. Cultural exchange. Job market.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização, com a inovação proporcionada por novas tecnologias e com o crescimento da economia no país, as exigências do mercado de trabalho brasileiro vêm aumentando gradualmente. Assim, os profissionais precisam acompanhar as tendências contemporâneas, estando permanentemente atualizados. Para tanto, as experiências com variadas formas de turismo tornam-se essenciais para a sua qualificação, principalmente frente ao competitivo mercado mundial (SOUSA, 2011).

Quevedo (2007) comenta que o turismo é uma atividade diretamente afetada pelo processo de globalização. Um dos seus segmentos mais destacados na atualidade, que, inclusive, pode ser uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional, é o intercâmbio.

Partindo desses pressupostos, justifica-se a necessidade de pesquisar o interesse nesse segmento turístico dos alunos de graduação em faculdades e universidades na cidade de São Luís, Maranhão, especialmente como ferramenta de auxílio à sua formação integral.

Com a intenção maior de demonstrar a importância do intercâmbio na preparação dos estudantes universitários para o mercado de trabalho, foram levantadas as atividades inerentes à essa prática cultural, bem como os seus impactos no âmbito profissional, além das necessidades, exigências e tendências do mercado atual.

Esse trabalho visa, essencialmente, à identificação dos desafios e benefícios do processo de imersão cultural, e da sua respectiva contribuição para o aperfeiçoamento do profissional inserindo no mercado globalizado, com foco nos graduandos das instituições de ensino superior (IES) – públicas e privadas – da capital maranhense. Assim, o objetivo geral é identificar as formas pelas quais o turismo de intercâmbio (exterior) auxilia a formação do aluno de graduação das faculdades e universidades para o mercado de trabalho, adotando-se o caso de São Luís para estudo específico.

Os procedimentos metodológicos do presente estudo se desdobraram em fases complementares entre si, detalhadas na seção 3 – Descrição da pesquisa, adiante apresentada, as quais resultaram na compilação dos dados necessários ao alcance do seu objetivo principal. Assim, a fase inicial compreendeu a pesquisa bibliográfica, pois, até o momento, nenhum trabalho no âmbito científico do turismo abordou essa temática com foco no alunado da cidade de São Luís.

Na segunda fase – pesquisa de campo –, foram aplicados questionários, com perguntas abertas e fechadas, a estudantes de faculdades e universidades de São Luís, em paralelo à realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais da área. Por fim, a terceira fase – discussão dos resultados – foi desenvolvida, qualitativa e quantitativamente, com vistas à avaliação dos prós e contras da atividade.

2. TURISMO DE EXPERIÊNCIA: MOMENTOS E SENSACIONES

O turista viaja motivado pelo interesse de conhecer algo novo e desconhecido. Ou seja, o interesse estimula o homem a enfrentar novas situações. Krippendorff (2000, p.14) comenta que “o ser humano não nasceu turista, mas com a curiosidade e um sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos, que gostaria de conhecer. Em todas as épocas, isso esteve entre suas necessidades básicas e imediatas”. A diferenciação entre as viagens realizadas pelos povos antigos

das praticadas pelos atuais reside na organização e na disponibilidade de informações e ferramentas; mas, independente desses fatores, o turismo indubitavelmente proporciona uma experiência de vida.

Atualmente, a atividade turística, assim como vários outros ramos comerciais e industriais, tem a obrigação de acompanhar o fluxo e as tendências do mercado. Com as facilidades de acesso às informações e com o desenvolvimento dos meios de transporte proporcionado pelo processo de globalização, as viagens se tornaram mais acessíveis a um número maior de pessoas (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010). Como as tecnologias de ponta geram o barateamento de produtos e serviços, a atividade passou a ser uma prática de larga escala. Daí surge a necessidade de inovação do segmento de forma a agregar valor ao turismo, já que essa é uma tendência mundial, tornando, portanto, essencial a valorização do produto e a busca pelo diferencial.

De acordo com Mendes e Guerreiro(2010, p.316):

A necessidade de diferenciação – do lado da oferta – e a busca por experiências exóticas e inovadoras – do lado da procura – convergem para o desenvolvimento do conceito de experiência turística, quer no campo da investigação acadêmica, quer no meio profissional. [...] Um indivíduo, quando assume o papel de turista, entra num processo de predisposição para viver experiências gratificantes. Do mesmo modo, os produtos e serviços turísticos devem ser produzidos para criar experiências turísticas memoráveis.

Com esse processo em níveis globais, é disponibilizada uma série de recursos tecnológicos que facilitam o incremento do turismo, impulsionando o crescimento e maximizando o interesse dos turistas para a prática da atividade com maior intensidade. Esse desenvolvimento e o surgimento de várias possibilidades tornam o setor cada vez mais complexo, assim como os turistas, que não intenciam fazer apenas uma simples viagem, mas efetivamente ter uma nova experiência de vida.

Segundo Kant (1781 apud SOARES, 2009, p.18), todo o conhecimento é, *a priori*, adquirido por meio da experiência, ativando e aguçando capacidades do ser humano a partir dos objetos do meio que “excitam os sentidos”, produzindo as suas representações ou induzindo à sua comparação, agrupamento ou isolamento. Dessa forma, o turismo de experiência surge como um “espelho” de novos desejos, anseios e buscas da sociedade por conhecimentos, sensações, emoções e espiritualidade em experiências exclusivas. Nesse contexto, Soares (2009, p.32) afirma que o “novo turista não quer apenas contemplar belas paisagens e reconhecer suas informações gerais, mas sim, que ele agora pretende vivenciar o novo/diferente, sentir a sutileza, interagir, se emocionar e experimentar sensações inesquecíveis”.

Esse novo turista ainda possui as mesmas necessidades básicas durante o momento da viagem, mas incorpora mudanças que o tem conduzido a descobrir, conhecer, aprender, vivenciar e interagir com mais frequência, adquirindo sensibilidade em relação ao local visitado (JENSEN, 1999). Por sua vez, é importante ressaltar que estão mais exigentes e não querem apenas sair da rotina de trabalho e afazeres do dia a dia, mas, ao contrário, pretendem explorar ao máximo o que o destino tem a oferecer, vivenciando e fazendo parte do contexto do lugar visitado, além de experimentar novidades. Assim, são destacadas as características que elevam seus propósitos para um nível superior de experiência.

Atualmente, a atividade turística apresenta características que vão além do aspecto econômico, avançando no plano social, psicológico, afetivo. Envolve relações anticonvencionais de parcerias, de interações simbólicas, de confiança, de hospitalidade e de cumplicidade em seus propósitos (GAETA, 2010, p.136).

Por isso, o turismo de experiência é essencial na realização de uma viagem, pois, na visão de Maciel (2010, p.58), é:

[...] uma forma de negociação com o limite, em primeira pessoa. Em si, todo turismo já é praticamente uma negociação com a mudança, com a experiência de sair de si, de variar, de criar oportunidade para o aparecimento da aventura. No caso do turismo de experiência, [...] essa dimensão de alteridade da experiência buscada na aventura, em maior ou menor grau, vem para o primeiro plano.

Sendo ampla e flexível, a atividade turística permite ao homem ser criativo no seu processo de desenvolvimento. Além disso, possibilita o contato do indivíduo com novas realidades geográficas, gastronômicas, históricas, econômicas ou arquitetônicas, entre várias outras opções, sendo uma experiência, ao mesmo tempo, cultural e educacional.

Pela análise das definições anteriores, podem ser ressaltados os seguintes critérios básicos que determinam o turismo de experiência:

- **surpresa** – eventos, serviços ou produtos que saem da “rotina” e do “previsível” e superam as expectativas do indivíduo;
- **emoções únicas** – experiências que ofereçam emoções dificilmente vivenciadas no dia a dia, que se tornam memoráveis, como voar de balão, pular de paraquedas etc.;
- **exclusividade** – sensação de experimentar [...] emoções únicas, sob medida para cada indivíduo, pois experiências serão sempre individuais;

- **uso dos cinco sentidos** – ampliação das sensações por meio de todos os sentidos humanos, proporcionando melhor interação entre indivíduo, evento e meio;
- **interação** – eventos, serviços e produtos que procuram maior integração abrem portas para sensações e emoções diferenciadas;
- **despertar de sonhos e sentimentos** – trabalho com valores mentais, emocionais e imateriais em primeiro plano;
- **inclusão** – critério base para a formatação e o desenvolvimento de quaisquer produtos / serviços / eventos que garantam autonomia e independência de todos os indivíduos (SOARES, 2009, p.39-40).

Schmitt (1999 apud GAETA 2010, p.140) complementa esses princípios ao afirmar que:

Começa a se definir um novo perfil de turismo, no qual o prazer de viajar está intimamente associado às experiências ímpares que serão vivenciadas durante a viagem, em perspectiva individual e personalizada. O turista não quer mais ser um expectador passivo em sua viagem; ele quer vivenciar sensações. Basta de fotos ou filmes de recordações de paisagens, monumentos ou pontos turísticos apenas com registro de presença. O turista de hoje quer ter a sensação de que viveu um momento único, marcante, inesquecível! Provavelmente não captado pela câmera digital, mas sem dúvida gravado em sua alma. É o fenômeno que os especialistas chamam de turismo de experiência.

Nos dias atuais, há, indubitavelmente, maior interesse dos turistas em explorar cada vez mais a vertente da aprendizagem, buscando vivenciar a viagem e tirar o máximo de proveito possível, tornando-a uma experiência diferenciada. Como exemplos de turismo de experiência, podem ser citados os casos de brasileiros que viajam para o Tibete com o intuito de aprofundar seus conhecimentos sobre a religião budista; de orientais que vêm ao Rio de Janeiro para ter aulas de samba; e de ingleses que fazem trabalhos voluntários na África, entre muitos outros.

Durante uma viagem, o sujeito naturalmente abre seus horizontes e cultiva a própria educação. Geralmente, o que é novo chama a atenção e o homem, quando sai do seu próprio hábitat, ou seja, da chamada “zona de conforto” (HUNTER, 2004), passa a observar mais o espaço à sua volta e, por conseguinte, compara as suas diferentes realidades. Nesta “corrente” de turismo como experiência, essas sensações e percepções são mais intensas ainda, produzindo conhecimento e proporcionando importante aprendizado pessoal e profissional, principalmente no contexto da sociedade atual.

Entretanto, vale ressaltar que grande parte da experiência vivida é definida pelo próprio turista e pelas suas atitudes frente às adversidades durante a viagem. É comum algumas pessoas criarem falsas expectativas sobre o destino e não se prepararem para as eventuais contrariedades, imaginando sensações e emoções que vão além da realidade e, conseqüentemente, acabam se decepcionando se essas expectativas não são correspondidas de acordo com a sua imaginação (SEBBEN, 2007; TAMIÃO, 2010).

Mas o turista bem preparado e orientado, buscando instruções e informações verídicas, transforma a experiência em um momento inesquecível, de forma que, mesmo com problemas durante a viagem, estará preparado para o seu enfrentamento.

Ou seja, são vários os fatores que determinam a experiência; por isso, é impossível o turista ter a garantia de que a sua viagem será um sucesso e corresponderá integralmente às suas expectativas. Todavia, para seu êxito, são importantes os papéis desempenhados por agentes de viagens, recepcionistas, comunidades locais, comissários de bordo, vendedores e professores de dança e idiomas, entre outros exemplos, no contato com o visitante.

Entretanto, como dito anteriormente, a viagem em si, por mais próxima de casa ou por mais breve que seja, é uma atividade de caráter experimental, pois, a partir do momento em que o indivíduo sai de sua residência para um lugar desconhecido, está sujeito a viver novas vivências e a conhecer o desconhecido. Para De Masi (2000, p.167):

A experiência do nomadismo difuso obriga a nossa mente a uma dupla elasticidade: a elasticidade mental, necessária para perceber e lidar com a diferença entre pessoas, lugares e momentos diversos, para ver a realidade de ângulos diversos e para resolver problemas inéditos, e a flexibilidade prática, necessária para gerir situações que se transformam, para encontrar o fio que serve de guia à ação mesmo num contexto desorganizado, para transformar os vínculos em oportunidades.

De maneira complementar, Hunter (2004, p.44) assinala que “a mudança nos desinstala, nos tira da zona de conforto e nos força a fazer coisas de modo diferente, o que é difícil. Quando nossas ideias são desafiadas, somos forçados a repensar nossa posição, e isso é sempre desconfortável”.

É importante ressaltar que a experiência vivida durante uma viagem, negativa ou positiva, sempre terá, no final das contas, caráter evolutivo, agregando valores e promovendo aprendizado útil para várias situações da vida. Assim, sofrer essas mutações é uma maneira de desenvolver habilidades.

Portanto, adversidades vividas durante uma viagem – relacionamento com pessoas desconhecidas, descoberta de novos lugares, impactos do clima e comida diferentes e distanciamento de casa e dos amigos, a título de exemplificação – servem de ensinamento e ajudam no amadurecimento do ser humano. Em contato com novidades, o indivíduo é obrigado a se adaptar a esse ambiente estranho, sendo forçado a desenvolver características de flexibilidade e de adaptabilidade (JENSEN, 1999; SEBBEN, 2007), indispensáveis no mundo contemporâneo, pois a globalização obriga a sociedade à sua constante transformação, sendo imprescindível a habilidade de adequação a essas mudanças.

Em se tratando de experiência, não existe melhor forma de conhecer e aprender sobre o mundo ao redor do que o visitando pessoalmente. Nesse âmbito, o intercâmbio é uma atividade que possibilita uma experiência única, em que o aprendizado adquirido é válido para o crescimento pessoal e desenvolvimento profissional do ser humano, especialmente no contexto da atualidade globalizada. Durante o programa, o intercambista tem a oportunidade de adquirir qualidades distintas, que não são ensinadas em casa, na escola ou na academia, mas essenciais à vida.

De acordo com recém-egressa do curso de Administração da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB), de São Luís, Maranhão¹:

[...] o intercâmbio possibilitou a troca de experiências com outros intercambistas e nativos, e foi uma oportunidade para desenvolver a pró-atividade. [...] Quando você está lá fora, não tem nenhum amigo ou familiar pra poder lhe ajudar, então você deve ser pró-ativo para conseguir as coisas, correr atrás de amizades e resolver qualquer contratempo que surgir.

Na fase inicial do intercâmbio, existe ruptura com o que é conhecido, pois o indivíduo está saindo de uma situação onde conhece tudo e todos, para ir ao encontro do desconhecido. Esse primeiro passo exige coragem, além de curiosidade, que é a principal motivação. Chegando ao destino, torna-se necessária a adaptação da pessoa ao meio, melhorando a sua capacidade de flexibilização.

Essa mudança de ambiente também desenvolve a criatividade individual, pois, com a abertura da mente, surgem novas ideias, além de inovadoras perspectivas. Por não estar no seu hábitat normal e por não ter sua família e amigos por perto, o visitante precisa conquistar seu espaço naquele lugar, buscando o alcance de suas metas e acarretando maiores níveis de independência e de maturidade. Além desses benefícios, o indivíduo pode aprender um novo idioma e, por último, mas não menos

¹ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 25 de outubro de 2011.

importante, pode existir intenso relacionamento com os nativos, com as duas partes evoluindo com essa convivência, o que também contribui para a construção de respeito mútuo e para o aumento de tolerância entre os envolvidos especialmente em relação às diferenças sociais.

Esse processo gera uma série de benefícios e, muitas vezes, quando o viajante volta para casa, está completamente mudado, ocasionalmente até irreconhecível pelos próprios parentes. Para a diretora do Programa de Cooperação Internacional (PROCIN) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)²:

todos os que foram [para o intercâmbio], voltaram diferentes até fisicamente. Uma das alunas disse que aprendeu a fazer a própria comida depois que saiu da barra da mãe. Ela se transformou numa pessoa muito bem resolvida; a viagem fez bem para ela, para o ego dela. Todos eles ganharam muito, aprenderam a viver por conta própria. Lá fora, é outra realidade, e esse choque de cultura faz crescer.

Ainda sobre os benefícios propiciados pela atividade, uma ex-intercambista³ valoriza “o fato de você vivenciar diferentes culturas e paradigmas e aprender a lidar com eles das mais diversas formas, e o amadurecimento e independência adquiridos a partir do momento que você precisa resolver seus problemas sem a intervenção dos pais”. Para o diretor de agência especializada⁴, “o intercâmbio faz com que o jovem deixe de ser espectador para ser o ator da sua própria trajetória”. Adicionando, Panosso Netto e Gaeta (2010) esclarecem que se deve ter ciência de que, para tanto, é preciso percorrer o mundo com olhos inquiridores e críticos, sempre em busca da aquisição de informações e do aproveitamento da experiência.

No contexto profissional, os jovens estão sendo cada vez mais requisitados pelo mercado de trabalho. O argentino Pedro Suarez (2010 apud TOZZI, 2010, s.p.), presidente da indústria química Dow, fala sobre a sua experiência internacional na Espanha, na Suíça, nos Estados Unidos e no próprio Brasil:

Eu me transformo num profissional mais preparado a cada palavra que troco com um estrangeiro. [...] Quem se conecta com novas culturas aprende a se expor e a fazer os resultados aparecerem para pessoas com as quais não imaginaria trabalhar. A atuação internacional me fez ser mais paciente com meus colegas e subordinados. Comecei a perceber com mais clareza as diferenças de perfil entre as pessoas. [...] Nesse mundo completamente globalizado, não é só quem dá volta pelo mundo que deve estabelecer ligações internacionais.

² Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 27 de outubro de 2011.

³ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 25 de outubro de 2011.

⁴ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

Sobre esse assunto, Quevedo (2007, p.23) defende que “à medida que a economia mundial se integra e que a sociedade global se torna cada vez mais homogênea, as necessidades dos indivíduos de preservar um sentido de identidade em um mar de homogeneização se fortalece”. Hoje, tem-se ferramentas tecnológicas que facilitam a obtenção de informações que, transformadas em conhecimento, podem ser potencializadas para o desenvolvimento generalizado e para a diferenciação competitiva.

Nesse cenário, é importante que o indivíduo saiba utilizar essas ferramentas e aproveitar as oportunidades, estando sempre atento às novas tendências. Sobre os benefícios proporcionados pelo turismo internacional, a mesma estudante do curso de Administração da UNDB entrevistada diz que:

Pelo fato de ter entrado em contato com outra cultura e outra língua, fiquei mais “desencanado” e sumiram alguns preconceitos que eu tinha anteriormente. No meu caso, fui para um país onde não existe a diferença tão exorbitante de classe social, como [...] no Brasil. Após a viagem, onde você tem contato com várias pessoas de lugares totalmente diferentes, como foi no meu caso, aprende-se a conviver com diferenças e a aceitar as “regras” de uma nova cultura, talvez no futuro profissional isso seja um diferencial a meu favor: a habilidade de conviver com as diferenças.

Já para estudante do curso de Medicina da UFMA⁵, o intercâmbio “é uma ótima opção de turismo de experiência [...] que] oferece um leque de oportunidades no mercado de trabalho, pois através dele o aluno adquire experiência em novos mercados”. Do ponto de vista de outro aluno do mesmo curso⁶, “além do engrandecimento pessoal, partindo para lado profissional o estudante se torna muito mais interessado e experimentado, com maior capacidade de enfrentar situações diversas”.

Pode-se verificar, portanto, que o turismo, de forma geral, é uma prática em que o sujeito tem as oportunidades de conhecer novos lugares e de vivenciar experiências diversas de acordo com sua predisposição, desde aquelas mais simples e básicas, até as mais complexas e alternativas. O intercâmbio se adequa nesse contexto, uma vez que é uma atividade cultural e intensa, com a experiência proporcionando desenvolvimento pessoal e evolução profissional sem precedentes.

⁵ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 20 de outubro de 2011.

⁶ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 20 de outubro de 2011.

3. INTERCÂMBIO CULTURAL: EXPERIÊNCIA PARA A VIDA

Intercâmbio significa “Troca, permuta. Relações de comércio ou culturais entre nações” (FERREIRA, 1999, p.123), ou seja, trata-se de uma atividade em que pessoas de nacionalidades diferentes se relacionam. Sua tipologia “cultural” se volta à reciprocidade de costumes e tradições resultante da convivência entre pessoas de diferenciados países e culturas.

Tamião (2010) esclarece que, a partir do início do século XXI, o interesse pelo intercâmbio estudantil tem-se tornado um fenômeno em crescimento ao redor do planeta, pois a troca de experiência e de valores adquiridos compreende diferenciais tanto para viagens culturais como para aspectos profissionais.

Mesmo sendo uma prática antiga, o relacionamento entre pessoas tem sido cada vez mais dinâmico e o ensejo por esses tipos de excursões tem como focos principais a busca do conhecimento, a necessidade de aprimoramento de um novo idioma e a troca entre dimensões culturais.

Acrescentando outras características, Sebben (2007, p.34) esclarece que “a ideia central dos intercâmbios não poderia ser puramente de estudos, mas, mais do que isso, de mudança de si mesmo”. Ou seja, ao participar de programas de intercâmbio, a pessoa vivencia experiências diferentes do seu cotidiano e, com isso, incorpora culturas que não são comuns e passa a acrescentá-las em seu perfil pessoal e profissional.

O surgimento do intercâmbio deu-se com os movimentos migratórios e de internacionalização do ensino, que, conforme Kafler (2007, p.8), tiveram início na Idade Média, com a criação das universidades européias:

As “*universitas*” eram compostas por professores de diferentes regiões e países, que formavam comunidades internacionais. Os estudantes e professores viajavam em busca do conhecimento e de aventuras, visitando diversas universidades em Oxford, Bologna, Paris e outras regiões, realizando cerimônias de colação de grau em todos estes lugares por onde passavam.

Ainda sobre início do intercâmbio, Tamião (2010) explica que a educação intercultural nasceu na Europa, no Pós Guerra, a partir de um documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sobre a “declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais”, de 1978, constituindo o primeiro texto a propor conceitos com a temática sobre a educação

intercultural. Assim, o intercâmbio pode ser analisado como um modelo de ação em que o homem promove a interação entre pessoas e culturas, trocando experiências, que serão absorvidas pelos participantes.

As viagens de cunho educativo, por sua amplitude e grande número de atividades englobadas, possuem diversas denominações. No Brasil, são comumente chamadas de Turismo Educacional, Turismo de Intercâmbio ou Turismo Educacional-Científico. São utilizados ainda os termos Turismo Universitário, Turismo Pedagógico, Turismo Científico, além de Turismo Estudantil – termo frequente em países como a Argentina e o Uruguai (BRASIL, 2008, p.8).

Ressalta-se que o intercâmbio não tem o objetivo exclusivo de desenvolver estudos, mas também o de conhecer e vivenciar a rotina de outro país, por meio da troca de experiências culturais (TAMIÃO, 2010). A respeito desse aspecto, Sebben (2007, p.27) afirma que “se você for estudar /trabalhar e viver uma vida rotineira em qualquer outro país do mundo, então, você está fazendo um intercâmbio”.

As relações educativas e sociais construídas e vivenciadas através de uma experiência de intercâmbio estudantil podem possibilitar ao aluno um contato e uma integração com a cultura do país visitado para além das experiências proporcionadas por viagens turísticas ou outras (EIRAS, 2008, p.39).

Este aspecto do intercâmbio estudantil ocorre principalmente pelos interesses que os alunos possuem de aprimorar seus conhecimentos e de acrescentar valores ao seu perfil profissional, além de conhecer novas culturas e pessoas. Sua concretização oferece uma diferenciação ao currículo discente, o qual é enriquecido com informações acerca do país visitado, em termos de aspectos culturais, religiosos, linguísticos, profissionais, gastronômicos e econômicos, entre outros, ajudando o intercambista a ingressar com maior facilidade no mercado de trabalho. Sobre esse aspecto, Lara (2003), afirma que as culturas tornam-se mais ricas com mudanças em um processo de adaptação a novas situações.

O intercambista aprende a conviver com a diversidade cultural e a respeitar as diferenças a partir do momento em que reconhece a identidade cultural do país, ou seja, “a internacionalização promove o reconhecimento, o respeito pelas diferenças e pela identidade cultural” (GACEL, 2004 apud KAFLE, 2007.p.13).

O intercambista também passa a refletir e a perceber melhor a sua própria identidade cultural a partir do momento em que convive com outras culturas, analisando-a em seus diversos aspectos e compreendendo-a a partir do convívio no local visitado.

O crescimento do intercâmbio é notório em todo o mundo, pois, presencia-se a promoção constante de inúmeras facilidades. Conforme destaca Guerra (2007, p.23):

Nas últimas décadas, as propostas de vivência no exterior vêm em forma de pacotes prontos, que incluem ofertas de empregos, famílias hospedeiras (nem sempre acolhedoras), acomodação em albergues, cursos de idiomas, cursos profissionalizantes, estágios ou ainda a junção de algumas opções, como por exemplo, estudo e trabalho no mesmo programa. O mercado de intercâmbios conquistou seu espaço e atua hoje na maior parte das escolas de idiomas, bem como em escolas regulares e universidades.

O primeiro programa de intercâmbio com a atual definição surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, com o intuito de promover a paz mundial a partir da interação dos povos de diferentes lugares. No início da Primeira Guerra Mundial, um grupo conhecido como “American Field Service” (AFS), composto por 74 americanos que moravam em Paris e eram voluntários como motoristas de ambulância, tinha a missão de transportar soldados franceses feridos da frente de batalha para as unidades móveis dos hospitais. No final da guerra, o número de voluntários havia subido para 2.500 (AFS, 2011). Em 1947, teve início um programa de intercâmbio cultural, no qual estudantes secundaristas de 10 países diferentes vivenciaram um ano nos Estados Unidos. Em pouco tempo, as nações “inimigas” (Japão e Alemanha) também começaram a enviar participantes para esse programa, hoje com mais de meio século de atuação, sem o intuito de geração de lucro.

Atualmente, são milhares de pessoas que vivem – ou já viveram – a experiência do intercâmbio em diversos lugares do mundo. O crescimento do turismo de intercâmbio estudantil no mundo equivale a 14,5% ao ano; em 2011, cresceu 30% no Brasil. Até 2025, 10 milhões de estudantes devem realizar estudos no exterior (BRASIL, 2010). Dados da Belta (2014) revelam que 350 milhões de reais foram movimentados pelo mercado de viagens de intercâmbio no Brasil em 2006 e que, anualmente, há a circulação de 10 bilhões de dólares americanos nesse segmento no mundo. Além disso, “somente em 2012, cerca de 300 mil estudantes participaram de programas de intercâmbio, gerando US\$ 2 bilhões em negócios”. (BELTA, 2014, s.p.)

Para o diretor de agência especializada⁷:

Sempre houve o intercâmbio, pois sempre ocorreu o escambo cultural. Entretanto, esse conceito de intercâmbio que se tem atualmente começou principalmente após as Guerras Mundiais – Primeira e Segunda – como forma de povos se abordarem e com essa aproximação evitar conflitos; sendo reforçado também pela ida de europeus com o intuito de conhecer o novo mundo, e dos americanos em conhecer suas origens europeias; essa foi a célula do intercâmbio que conhecemos hoje em dia. Na década de 70, 80 e início de 90, as pessoas queriam vivenciar o “sonho americano”; existia uma forte predominância

⁷ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

americana sobre os outros países. Com o tempo e evolução, o intercâmbio passou a ser procurado pela necessidade de aprender novas habilidades para conviver no mundo globalizado de hoje. Atualmente, eu vejo como uma educação que te prepara para o mundo atual [...].

Conforme dados de Brasil (2010), turismo de estudo e intercâmbio é o segmento com a movimentação gerada por atividades e programas de aprendizagem, vivência para fins de qualificação, ampliação do conhecimento e desenvolvimento pessoal e profissional.

De acordo com estudante ex-intercambista do curso de Medicina da UFMA⁸, o intercâmbio é viabiliza o contato com diversas culturas, ampliando a percepção. Já para a recém-formada no curso de Administração⁹:

O intercâmbio é uma oportunidade que poucos têm a chance de desfrutar; ele proporciona às pessoas diversas vantagens em um curto espaço de tempo, tais como: troca de experiências, troca cultural, aperfeiçoamento de uma segunda língua, crescimento pessoal e profissional, construção de grandes amizades. Resumindo, o intercâmbio para mim significa a obtenção de um patrimônio inigualável e para toda a vida.

O intercâmbio no Brasil conta com mais de 150 instituições públicas e privadas atuantes no segmento, tanto na recepção como no envio de pessoas para o exterior, dentre as quais se destacam as agências de intercâmbio, as escolas de idiomas e as instituições de ensino médio e superior (BRASIL, 2008).

Os principais produtos da atividade do turismo de intercâmbio são: operação e agenciamento; educação e trabalho; transporte; hospedagem; alimentação; recepção; recreação e entretenimento; e eventos, dentre outras atividades complementares (BRASIL, 2008).

Assim como outro segmento turístico, o intercâmbio também mobiliza vários setores da economia, o que gera emprego e renda. Além disso, pode ser uma alternativa para o período de baixa temporada nos destinos, o que movimenta empresas durante essas épocas. Dentre as modalidades deste tipo de turismo, destacam-se:

- a) **intercâmbio estudantil:** designada para estudantes que desejam uma experiência mais profunda e um melhor entendimento da cultura do país. Pode ser dividido em três categorias: colegial, graduação e pós-graduação. O intercâmbio colegial é o programa de estudos regulares equivalente ao Ensino Médio brasileiro. O Ministério da Educação (MEC) reconhece o intercâmbio colegial tanto de um semestre quanto de um ano; entretanto, algumas escolas no Brasil estipulam quais disciplinas e qual a carga horária o aluno deverá cumprir nesse período;
- b) **intercâmbio universitário:** o intercâmbio universitário busca a cooperação entre instituições de Ensino Superior. Assim, grande parte das universidades pauta seus

⁸ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 20 de outubro de 2011.

⁹ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 20 de outubro de 2011.

acordos e convênios acadêmicos [...]. Para que o intercâmbio seja possível, é necessário que a universidade desenvolva um programa de mobilidade acadêmica com o aproveitamento de créditos, para que o estudante não perca o semestre ou o ano letivo. Cada universidade possui exigências específicas e a maioria exige do estudante a matrícula em disciplinas equivalentes às que seriam cursadas na sua universidade de origem;

- c) **intercâmbio esportivo:** visa, primordialmente, aprimorar as habilidades técnicas, táticas e o preparo físico dos praticantes de esportes, proporcionando a eles um treinamento especializado em clubes e centros esportivos comprovadamente reconhecidos nacional ou internacionalmente. Entre os diversos programas desenvolvidos no País, destacam-se convênios firmados pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), as parcerias entre clubes brasileiros e estrangeiros e as parcerias entre clubes brasileiros e escolas estrangeiras;
- d) **cursos de idiomas:** os cursos de idioma consistem em viagens, em grande parte das vezes conjugadas com atividades de lazer, em que o turista busca uma maior participação na cultura do país estrangeiro e um aprendizado mais fácil do idioma;
- e) **cursos técnicos e estágios profissionalizantes:** são aqueles com duração menor que os de graduação e que abordam uma área específica do conhecimento. São procurados por pessoas que buscam valorizar o currículo e atualizar seus conhecimentos profissionais. Também se destinam àqueles que querem ser professores de um idioma estrangeiro ou aos profissionais que trabalham na área e buscam uma reciclagem. Os estágios profissionalizantes são aqueles em que os estudantes colocam em prática os conhecimentos teóricos aprendidos, por meio de estágios ou programas de treinamento em empresas no exterior. Geralmente são feitos por meio de parcerias entre associações, universidades e empresas de grande e médio porte, sendo que o trabalho pode ser ou não remunerado e se divide em: programas de treinamento, programas de voluntariado e programas de serviços comunitários. Os programas de treinamento são oferecidos a estudantes universitários maiores de 18 anos e buscam aumentar a experiência profissional do estudante por meio de programas de *trainees* em empresas brasileiras, de acordo com o campo de estudo do turista. São programas remunerados de duração máxima de 12 meses;
- f) **cursos de artes:** compreendem o aprendizado de danças, música, culinária, artes marciais e outros tipos de artes tidas como referência da cultura de um local específico. Geralmente, são oferecidos em conjunto com cursos de idioma;
- g) **visitas técnicas e pesquisas científicas:** tem como finalidade a troca de conhecimento entre técnicos e estudiosos de áreas de atuação similares. Consistem em observações *in loco*, seja para o aprendizado, treinamento, seja para aperfeiçoamento de conhecimentos utilizados para uma pesquisa ou trabalho realizado em local diverso. Em grande parte das vezes, são feitas por meio de convênios e parcerias firmados entre empresas, organizações e outras instituições que buscam o aperfeiçoamento de seus funcionários. (BRASIL, 2008, p.16-17).

Depreende-se, assim, que o segmento de intercâmbio – cada vez mais profissionalizado e destacado no Brasil – possui ampla gama de opções de acordo com as necessidades do turista, o que facilita a escolha do programa. A Lei Federal Nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o Conselho Nacional de Imigração (BRASIL, 1980), sendo que seus principais pontos se referem à existência de sete tipos de vistos: de trânsito, de turista, temporário, permanente, de cortesia, oficial e diplomático (BRASIL, 2008).

Com a criação dessa lei, o país passou a adotar normas de regulamentação do funcionamento e do controle da entrada e saída de pessoas no país, sendo criada a Resolução Normativa Nº 49, de 19 de

dezembro de 2000, que disciplina a concessão de visto destinado a estrangeiros que venham estudar no Brasil no âmbito de programa de intercâmbio educacional, destacando que o programa deve ser mantido por entidade dedicada a essa finalidade específica, que a concessão do visto é necessária para o turista que já esteja matriculado ou feito reserva de vaga na instituição de ensino brasileira, e que o mesmo terá validade improrrogável de 12 meses (BRASIL, 2000).

O Ministério do Turismo tem preparado e planejado este segmento turístico, de forma que o Brasil possa ser um destino atraente para intercambistas, especialmente frente aos seus aspectos positivos em termos culturais e de receptividade. Para o turismo de intercâmbio no Brasil, atualmente:

[...] existe uma associação, a Brazilian Educational & Language Travel Association (BELTA), que possui um sistema de cadastramento e filiação de empresas promotoras de educação internacional e que agrega o Bureau Brasileiro de Intercâmbio, associação que trabalha a promoção internacional do turismo de intercâmbio no País, com adesão de operadoras qualificadas no turismo de educação. Sua missão é fortalecer a vinda de turistas estrangeiros com interesse na educação e na cultura brasileira. A entidade desenvolve projetos que visam não só a promover os cursos tradicionais de ensino, mas também as atividades complementares como danças típicas, esporte, gastronomia e a língua portuguesa. Nos níveis de graduação e pós-graduação, o Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (FAUBAI) reúne gestores ou responsáveis por assuntos internacionais que promovem o Turismo de Estudos e Intercâmbio (BRASIL, 2008, p.17).

A BELTA foi fundada em 1992 e, em 2011, foi considerada, pela quarta vez pela Language Travel Magazine (LTM) Star Agency Association, a melhor associação de turismo de intercâmbio do mundo (BELTA, 2014). Dentre suas competências, podem ser mencionadas: desenvolver, facilitar e promover uma educação global, visando maior integração entre as nações; prestar serviços com excelência e qualidade; divulgar as possibilidades existentes em programas de Educação Internacional; atuar dentro dos padrões de conduta estabelecidos [...] (BELTA, 2014).

Já no âmbito do ensino superior, tem-se o Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (**FAUBAI**), criado em 1988, que reúne 115 responsáveis por esses temas, com o intuito de promover a integração e a capacitação dos gestores da área, por meio de seminários, *workshops* e reuniões regionais e nacionais, além de divulgar a diversidade e as potencialidades das IES brasileiras junto às agências de fomento, às representações diplomáticas e aos organismos e programas internacionais (FAUBAI, 2011).

O intercâmbio é uma prática comum no mundo, principalmente em países desenvolvidos, devido à compreensão que o cidadão possui a respeito das contribuições promovidas por viagens com fins de experiência.

Atualmente, as viagens de estudos e intercâmbio ocorrem em praticamente todos os países, principalmente por acontecer independentemente de características geográficas e climáticas específicas, podendo ser oferecidas durante todo o ano. A educação internacional se tornou parte essencial nas balanças comerciais de países como Austrália, Estados Unidos da América, Nova Zelândia, Reino Unido e Japão. Para se ter uma ideia, estatísticas indicam que apenas os estudantes com Ensino Médio completo e que buscam uma instituição de ensino no exterior já somam 1,5 milhão de pessoas no mundo, movimentando US\$ 30 bilhões por ano (BRASIL, 2008, p.19).

De acordo com pesquisa realizada em 2010 (BELTA, 2014), os jovens possuem determinadas preferências no momento da escolha do intercâmbio, como: exploração de outros países e culturas (34%), descanso e diversão (28%), visita a parentes e amigos (17%), estudo fora do país (9%), trabalho no exterior (7%), voluntariado (3%) e frequência a curso de línguas (2%). Diagnostica-se, então, que os estudantes têm a cultura como item fundamental para a realização da viagem, o que corrobora com afirmações anteriormente apresentadas.

No contexto de São Luís, o diretor de agência especializada¹⁰ lembra que:

houve na década de 1960, um incremento na atividade; o principal destino era os Estados Unidos; havia no mundo inteiro uma forte inserção da cultura americana (música, cinema, Broadway, e peças teatrais) e como o Brasil estava inserido nesse contexto, muitos jovens brasileiros queriam viver o sonho de ir para os EUA. [...] Nesse contexto, os jovens filhos da elite maranhense iam fazer *high school* nos Estados Unidos. No ano de 1975, um grupo de aproximadamente 40 pessoas partiu de São Luís [...] para lá morar e estudar por um ano letivo.

Até a década de 1990, o serviço de intercâmbio em São Luís funcionava nas escolas de ensino da língua inglesa. Não existiam agências de intercâmbio e naquelas escolas não existia um funcionário dedicado especificamente ao assunto e ao preparo do estudante para a experiência. Segundo o diretor de agência especializada¹¹, “os intercambistas viajavam despreparados e, na maioria das vezes, não entendiam o processo no qual estavam entrando; só tinham em mente que estavam indo em busca de viver o ‘sonho americano’”.

¹⁰ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

¹¹ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

4. DESCRIÇÃO DA PESQUISA: BUSCA DA REALIDADE

A abordagem da investigação tem caráter tanto quantitativo – apropriado para medir tanto opiniões, atitudes e preferências, como comportamentos (DENCKER, 2004), quanto qualitativo, com “a observação dos fenômenos sociais feita de maneira intensiva, a qual implica na participação do pesquisador no universo de ocorrência desses fenômenos” (DENCKER, 2004, p.97).

A pesquisa também é caracterizada como exploratória, que, na visão de Vergara (2004, p.47), é “realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado”, como descritiva, que “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno” (VERGARA, 2004, p.47), e como analítica, com interpretação detalhada dos resultados (GIL, 2004).

Como já mencionado, os procedimentos metodológicos foram estruturados em três fases principais. Na fase inicial – pesquisa bibliográfica – foi realizada a análise de textos de livros, periódicos, revistas, *sites* e meios similares, por meio de técnicas exploratórias de fontes secundárias.

A análise desse material serviu para o alerta aos estudantes participantes da segunda fase sobre a importância da qualificação profissional e da busca de alternativas para a construção de diferenciais no mercado, adotando o intercâmbio como principal ferramenta, por ser uma atividade completa para o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais.

Na segunda fase – pesquisa de campo –, foram adotadas técnicas exploratórias e descritivas, sendo aplicados questionários, com questões abertas e fechadas, a 50 estudantes de sete faculdades e universidades de São Luís, considerando o universo total de alunos que fizeram intercâmbio até 2011, com, no mínimo, um mês de duração, no período da sua graduação, de diversos cursos das seguintes instituições: Faculdade Santa Terezinha (CEST), Faculdade do Maranhão (FACAM), Faculdade São Luís (FSL), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB) e Centro Universitário do Maranhão (UNICEUMA). A pesquisa de campo foi realizada no período de abril a novembro de 2011, sendo a abordagem viabilizada pela acessibilidade por meio de agência de intercâmbio.

Paralelamente, foram realizadas, em nível qualitativo, entrevistas semiestruturadas com seis profissionais da área. Por fim, a terceira fase – discussão dos resultados – foi desenvolvida por intermédio de técnicas analíticas, tanto em termos qualitativos, sendo especificados os prós e contras da atividade, quanto em âmbito quantitativo, com base no número limitado de estudantes que se enquadravam no perfil.

As limitações metodológicas da pesquisa compreenderam, em primeira instância, dificuldades relacionadas à raridade de fontes de referencial teórico acerca do turismo de intercâmbio, principalmente no que tange à graduação.

4.1 Análise dos resultados: entendimento da situação

Com base no questionário aplicado, foi possível observar que o sexo feminino pratica mais a atividade do turismo de intercâmbio (64%) do que o masculino. Esse fato é reflexo da tendência global, na qual as mulheres têm se destacado cada vez mais no ambiente de trabalho, buscando, inclusive, alternativas para o seu aperfeiçoamento profissional (DE MASI, 2000). O até pouco tempo conhecido “sexo frágil” está mudando esse quadro, com as representantes desse gênero se tornando mais independentes e decididas. Esse fato é comprovado pelo resultado alcançado, que mostra que elas buscam mais a atividade como forma de aprendizagem e desenvolvimento.

O público entrevistado se situou, na sua grande maioria (74%), entre as idades de 20 e 26 anos. Essa condição é justificada pelo ambiente em que foi realizada a pesquisa (faculdades e universidades), onde essa faixa etária é majoritária. Mas também pode-se afirmar que é essa a média de idade em que os adultos mais praticam intercâmbio, pois, por ser um programa de longa duração, torna-se um processo mais complexo para pessoas casadas, com filhos ou com trabalho fixo. Além disso, informações já citadas do Ministério do Turismo explicitam que, hoje, o foco do turismo de estudos e intercâmbio no Brasil é voltado para jovens (BRASIL, 2008). Assim, as idades mencionadas se encontram justamente no grupo etário que o país deseja receber, sendo também o mesmo que os brasileiros preferencialmente escolhem para as viagens de intercâmbio.

A renda média dos entrevistados ficou, na sua maioria, entre 1 a 3 salários mínimos (60%), seguida pela de 4 a 7 (32%). Pode-se associar essa questão à realidade dos jovens brasileiros, pois os mesmos, se comparados a seus equivalentes europeus e norte-americanos, por exemplo, iniciam a

carreira profissional de forma tardia. Muitos profissionais só começam a trabalhar depois que terminam a graduação, enquanto que, em países desenvolvidos, é comum o jovem procurar emprego logo que atinge a maioridade (EIRAS, 2008). Já no Brasil, em especial nas famílias do Nordeste, os filhos normalmente moram na casa dos pais até o dia em que se casam, sendo esse o principal motivo da sua saída, e não a busca pela sua independência, inclusive econômica (EIRAS, 2008).

Em relação aos campos de conhecimento dos cursos superiores dos estudantes entrevistados, teve-se a prevalência de alunos das áreas de saúde (40%), seguido das ciências humanas e sociais (34%) e das exatas (26%). Pode-se relacionar esse resultado ao fato do intercâmbio ainda não ser uma atividade à qual todos têm acesso.

Assim como o turismo tradicional, o de experiência está diretamente ligado ao fenômeno da globalização, pois as facilidades e avanços tecnológicos resultaram no barateamento da atividade, possibilitando o seu desfrute por maior número de pessoas (SOUSA, 2011; TOZZI, 2010).

Mediante a pesquisa realizada, os estudantes de Medicina (curso de grande parte dos respondentes), são, na sua maioria, provenientes de famílias de classe média ou alta. Em segundo lugar, ficaram os alunos relacionados a Ciências Sociais e Humanas, liderados por aqueles vinculados ao curso de Administração, pois muitos são filhos de empresários e possuem condições financeiras favoráveis.

Ressalte-se que a experiência do intercâmbio proporciona o aperfeiçoamento de habilidades muito importantes para essa área, como, por exemplo, o conhecimento do mercado e das tendências globais. A maior parte dos alunos entrevistados viajou para o intercâmbio em 2010 (36%) e 2009 em (32%), sendo perceptível uma queda em 2011 (16%). Contudo, faz-se mister destacar que o Programa Ciência sem Fronteiras foi lançado em meados desse último ano (BRASIL, 2011) e que, provavelmente, houve significativa ampliação da procura a partir de 2012.

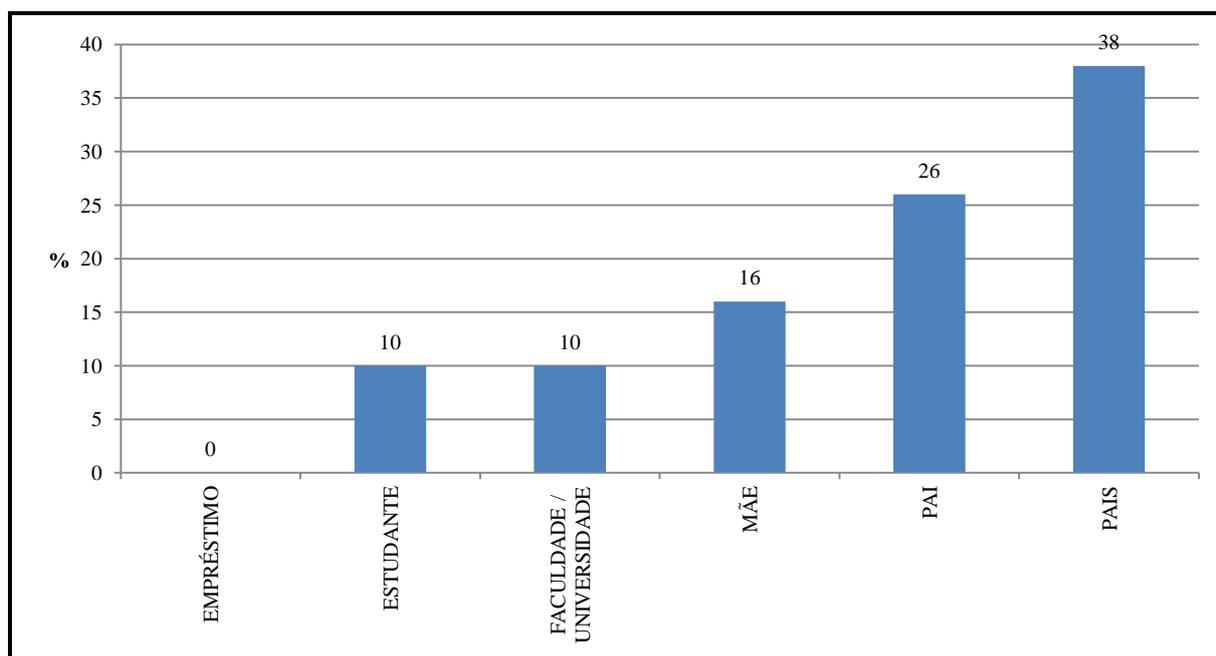
Questionada sobre o significado de intercâmbio, uma ex-intercambista¹² respondeu que “é uma viagem de conhecimento cultural, de aprendizado do idioma, experiência de vida e um teste para se

¹² Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

autoconhecer”. Para outro estudante¹³, é “experiência enriquecedora que proporciona contato com diversas culturas e melhora a percepção de mundo”. Outro aluno¹⁴ afirmou que “é você entrar em um país e conhecer de tudo, desde a língua aos costumes em geral, provar suas comidas típicas, e fazer tudo aquilo que você não tem acesso no seu país de origem”. Ou seja, afirma-se que é uma experimentação gratificante, em que o indivíduo tem contato com diversidades culturais e, assim, adquire aprendizados úteis para a vida. Todos os entrevistados fizeram referência à atividade como um aprendizado de vida, usando esse mesmo termo ou seus sinônimos.

Quando questionados sobre o agente de financiamento da viagem, 80% dos entrevistados informaram que seu intercâmbio foi financiado pelos pais, evidenciando novamente o elevado grau de dependência anteriormente diagnosticado. Apenas 10% afirmaram ter custeado suas próprias despesas. Destes, 100% já se encontravam no mercado de trabalho no período de graduação, sendo a maioria relacionada às áreas de turismo, administração e comunicação (Gráfico 1).

Gráfico 1: Proporcionalidade de agentes de financiamento da viagem



Fonte: Elaborado com base nas respostas dos questionários aplicados.

¹³ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 06 de novembro de 2011.

¹⁴ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

Além disso, diagnostica-se que apenas 10% dos estudantes tiveram apoio de sua faculdade (ou universidade), pois as IES de São Luís ainda não possuem órgão específico para desenvolvimento da atividade, salvo a exceção da UFMA. Ainda assim, são poucas as bolsas oferecidas aos estudantes (BELTA, 2014; FAUBAI, 2011), as quais, no caso dos entrevistados, foram apenas parciais.

Em termos de países mais procurados, os entrevistados preferiram os países europeus (Inglaterra, Irlanda, Espanha, Itália e França – 47%), seguidos do Canadá (28%) e dos Estados Unidos (25%). Essa condição é determinada pelo perfil dos entrevistados em relação ao destino. Da comparação com alunos de ensino médio, estes preferem, em sua maioria, os países da América do Norte, pois a Europa atrai um perfil mais adulto; além disso, o acesso a outros países é facilitado uma vez que se está dentro continente europeu. Além dos fatores citados, cabe mencionar que as universidades europeias possuem tradição em termos educacionais, encontrando-se importantes referências na Inglaterra (Oxford e Cambridge), na Irlanda (Trinity College), na França (Sorbonne) e na Itália (Ferrara), por exemplo. Vale citar que a América do Sul foi citada por apenas 5% dos respondentes. A Ásia ainda não se encontrava nos roteiros dos intercambistas maranhenses, pois ainda eram reduzidas as parcerias entre agências brasileiras e instituições localizadas nos países asiáticos. Além disso, os brasileiros, de maneira geral, ainda não atentavam para a importância dessas nações no contexto mundial. O último motivo apontado é que a cultura brasileira ainda é muito voltada para os países ocidentais, apesar da tendência mundial de valorização de determinados países orientais, em função do seu acelerado desenvolvimento (BELTA, 2014).

Mais da metade dos intercambistas foi estimulada por amigos (60%), pois normalmente alguém que volta de um intercâmbio, retorna empolgado com a experiência e incentiva os colegas a viverem a experiência. Ressalta-se algo interessante nas respostas referentes àqueles casos em que a pessoa sempre sonhou em conhecer determinado local no exterior e, quando teve a oportunidade, selecionou a opção outros (24%). Em relação a esta alternativa, um aluno¹⁵ afirmou que “sempre quis fazer e estava acabando de me formar, era a minha oportunidade”. Destacaram-se, também, os incentivos dos pais (16%), pois, conforme um respondente¹⁶ comentou, “[os progenitores] já fizeram intercâmbio no passado” e sabem como a experiência constitui relevante diferencial. Os professores foram responsáveis por apenas 10% dos incentivos.

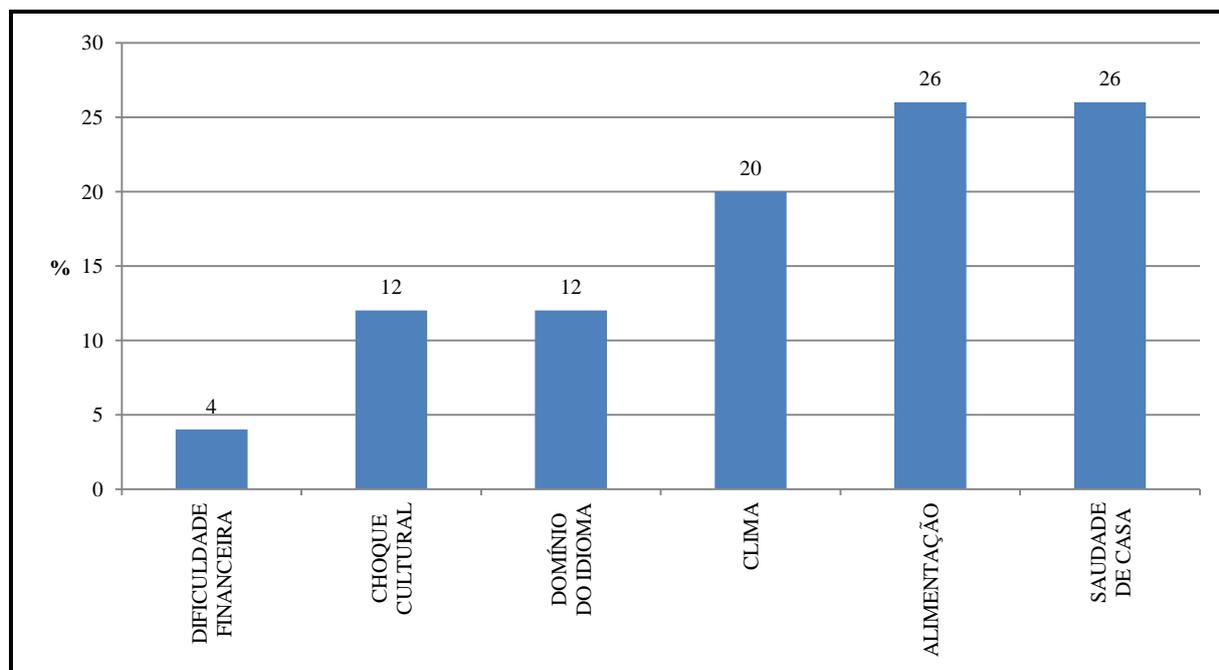
¹⁵ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 18 de junho de 2011.

¹⁶ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 05 de outubro de 2011.

Os entrevistados esclareceram que é equilibrado o tempo de permanência no exterior, havendo aqueles (30%) que fizeram o programa de um a três meses, aproveitando as férias escolares para evitar conflitos com os estudos. Mas também houve os que dispenderam mais tempo na viagem (de seis a doze meses). Nesse sentido, é elevado o número de intercambistas que decidiram trancar a matrícula nos seus cursos e passar um período mais longo, aprofundando um pouco mais os seus contatos com a cultura e com a língua local. A grande maioria dos respondentes (40%) permaneceu de três a seis meses, pois esse é justamente o período mínimo para aprimoramento e relativo domínio de certos idiomas.

Questionados sobre os aspectos negativos do intercâmbio (Gráfico 2), 52% dos estudantes citaram a saudade de casa e a dificuldade de adaptação à alimentação, com 12% citando o choque cultural e o domínio do idioma, e apenas 4% a dificuldade financeira. Essas informações vão ao encontro com o exposto ao longo do trabalho, quando são citados os principais desafios enfrentados pelos intercambistas. Entretanto, ainda com esses desafios enfrentados, todos afirmaram que recomendariam a atividade aos colegas, ou seja, prevalece o caráter positivo. Um aspecto que se destaca na pesquisa é o clima, pois 20% o classificaram como negativo, devido às diferenças climáticas entre o Brasil e os países do Hemisfério Norte.

Gráfico 2: Proporcionalidade de aspectos negativos do intercâmbio



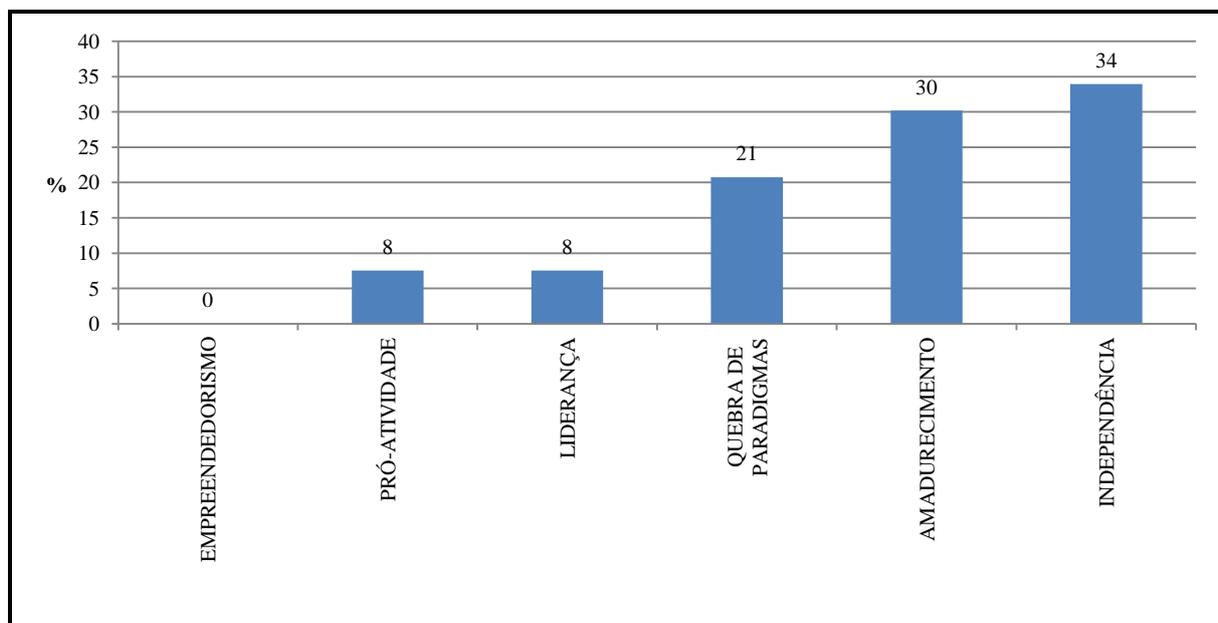
Fonte: Elaborado com base nas respostas dos questionários aplicados.

Quando questionados se acreditavam que o intercâmbio servia como ferramenta para preparação do aluno para o mercado de trabalho, 100% responderam afirmativamente. Uma respondente¹⁷ disse que “o estudante adquire novos conhecimentos, aprende a ser mais independente e a estar sempre inovando”. Pode-se afirmar, portanto, que essas são qualidades exigidas atualmente no mercado, especialmente a obtenção de novos conhecimentos, a conquista da independência e a capacidade para inovação.

A totalidade dos alunos também afirmou que indicaria o intercâmbio para alguém. Mesmo perante dificuldades e aspectos negativos, constata-se que interpretam como importante a realização desse tipo de turismo, como um adicional para o aprofundamento do conhecimento e para a melhoria da formação profissional.

Na questão seguinte sobre benefícios do intercâmbio (Gráfico 3), os alunos puderam destacar até três respostas sobre as características que desenvolveram ou aprimoraram durante a estadia no exterior, sendo que 34% dos estudantes consideraram que a independência foi um dos principais aspectos, impactando positivamente na vida do intercambista.

Gráfico 3: Proporcionalidade de benefícios do intercâmbio



Fonte: Elaborado com base nas respostas dos questionários aplicados.

¹⁷ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 12 de novembro de 2011.

Para a coordenadora do curso de Turismo da UFMA¹⁸:

o intercâmbio é um crescimento para a vida. A experiência que o aluno adquire lá fora, o contato com outras culturas e a experiência de estudar e/ou trabalhar com equipamentos diferentes dos nossos e com um público diferente é enriquecedor, não só para a formação, mas também para a vida. A atividade é fundamental para os alunos, ela deveria ser muito mais presente nas universidades.

O amadurecimento apareceu em 30% das respostas, pois durante a estadia no exterior o aluno não tem a proximidade dos familiares, o que o incentiva à tomada de decisões próprias sobre alguns aspectos em que antes possuía o auxílio dos pais, por exemplo. Fato que surpreende é que nenhum dos entrevistados marcou a opção “empreendedorismo”. Portanto, este é um aspecto a ser desenvolvido pelas empresas e órgãos ligados ao intercâmbio, pois tem sido cada vez mais valorizado em âmbito mundial.

Por sua vez, a aluna¹⁹ disse que aprendeu a compreender outra cultura e a aceitar melhor as diferenças: “vivendo uma realidade totalmente diferente, aprendi a cuidar de mim mesma”. Finalizando a entrevista, os respondentes apontaram os principais aspectos positivos proporcionados pelo intercâmbio como diferenciais para o futuro profissional.

Uma das entrevistadas²⁰ ressaltou “a habilidade de se adaptar a situações adversas que podem surgir no ambiente de trabalho. Também o amadurecimento que a gente ganha em uma experiência como o intercâmbio, é fundamental para ser aplicada em várias áreas”.

Já para um estudante de administração²¹, o mais importante foi “o aprendizado de um novo idioma porque, hoje, o mercado é muito globalizado e exige que você tenha conhecimento de outras línguas”. Uma estudante de nutrição²² afirmou que “o domínio de outra língua, uma vez que o intercâmbio é uma forma rápida de se aprender uma língua estrangeira. Em um mercado de trabalho que exige inovação e bastante conhecimento, o aprendizado de uma língua estrangeira é essencial”.

¹⁸ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 09 de julho de 2011.

¹⁹ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 26 de abril de 2011.

²⁰ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 03 de junho de 2011.

²¹ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 05 de abril de 2011.

²² Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 17 de novembro de 2011.

Na visão de uma aluna da UNDB²³, foi:

o fato de você vivenciar diferentes culturas e paradigmas e aprender a lidar com eles das mais diversas formas; além disso, o amadurecimento e independência adquiridos a partir do momento em que você precisa resolver seus problemas sem a intervenção dos pais. Outro ponto que merece destaque está relacionado com o diferencial obtido pela aquisição de uma segunda língua, no caso do inglês, uma língua universal, que ajuda a abrir portas e proporcionar grandes oportunidades de emprego.

Por fim, pode-se constatar que a atividade constitui excelente ferramenta de preparação dos estudantes universitários para se tornarem profissionais de sucesso. Em síntese, é uma prática completa para o desenvolvimento de habilidades pessoais. Mesmo os desafios e dificuldades enfrentados durante o programa servem como importante aprendizado para o crescimento intelectual dos jovens, demonstrando que, definitivamente, o intercâmbio serve como relevante aliado na formação do aluno para o mercado de trabalho.

5. CONCLUSÃO

O turismo é um dos setores econômicos que mais cresce no mundo, estando relacionado com as mais diversas áreas de conhecimento. Durante uma viagem, o indivíduo aprende a lidar com situações que nunca viveria se permanecesse em sua casa.

O intercâmbio é uma atividade que, entre outros aspectos, fomenta a criatividade do ser humano. O contato com outra realidade faz com que o indivíduo desenvolva essa habilidade, além de apurar seu senso crítico, oportunizando reflexões sobre a realidade mundial.

Considerando que essa é uma tendência global e que futuramente será uma exigência profissional básica para a entrada no mercado de trabalho, cada vez mais será valorizada a experiência internacional, acreditando-se, portanto, que o intercâmbio proporciona um momento ímpar na vida do ser humano.

²³ Depoimento prestado em entrevista baseada em roteiro semiestruturado, realizada em 10 de novembro de 2011.

Os conhecimentos adquiridos não são aqueles que podem ser aprendidos em livros ou em salas de aula; ao contrário, são oportunidades que aprimoram a capacidade do indivíduo de adaptação a diferentes situações, inclusive cotidianas. Além disso, a experimentação conduz ao amadurecimento e à independência, entre muitos outros benefícios debatidos ao longo deste trabalho.

Conclui-se, portanto, que viajar vai além do lazer, ampliando trocas e relacionamentos entre pessoas, o que favorece o desenvolvimento do ser humano, possibilitando a ampliação das suas informações acerca de lugares, idiomas, religiões, culturas e histórias, entre muitos outros aspectos. Como pesquisa futura, sugere-se a investigação acerca das experiências dos alunos participantes do mencionado Programa Ciência Sem Fronteiras, tanto em relação ao intercâmbio propriamente dito quanto com referência às suas vivências fora do país.

6. REFERÊNCIAS

AFS – American Field Service. **Intercultura Brasil**. Disponível em: <<http://www.afs.org.br>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

BELTA – Brazilian Educational & Language Travel Association. **Educação internacional**. Disponível em: <<http://www.belta.org.br>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

BRASIL. Lei Federal Nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o Conselho Nacional de Imigração. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, Poder Executivo, 20 ago. 1980.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Resolução Normativa Nº 49**, de 19 de dezembro de 2000. Disciplina a concessão de visto a estrangeiros que venham estudar no Brasil no âmbito de programa de intercâmbio educacional. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de estudos e intercâmbio: orientações básicas**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério de Ciência e Tecnologia. **Programa Ciência sem Fronteiras**. 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/4762-ministro-da-cat-lanca-o-programa-ciencia-sem-fronteiras>>. Acesso em: 27 maio 2014.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 8.ed. São Paulo: Futura, 2004.

GAETA, Cecília. Turismo de experiência e novas demandas de formação profissional. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, 2010. p.113-152.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

EIRAS, Alicia de Lima. Os intercâmbios institucionais entre alunos de graduação e sua importância nas políticas de regionalização universitária. **Políticas Educativas**, Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, v.1, n.2, p.35-46, jul. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: novo dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FAUBAI – Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais. **Informações sobre o FAUBAI**. Disponível em: <<http://www.faubai.org.br/br/index.php>>. Acesso em: 10 out. 2011.

GUERRA, Vanessa. **Explorando os processos subjetivos neste modo de se deslocar na pós-modernidade**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Porto Alegre, 2007.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

JENSEN, Rolf. **The dream society: how the coming shift from information to imagination will transform your business**. New York: McGraw-Hill, 1999.

KAFLE, Liliâne Cacidoni. **A internacionalização do ensino superior e o caso da Universidade Anhembi Morumbi**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi – UAM, São Paulo, 2007.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

LARA, Juan Gómez. Los productos humanos, instrumentos de cambio para la educación intercultural. **Revista de Investigación Aplicada y Experiencias Educativas**, Madrid, n.8, p.101-110, 2003.

MACIEL, Josemar de Campos. Turismo de experiência e o sentido da vida. In: Alexandre PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, 2010. p.57-78.

MENDES, Júlio; GUERREIRO, Manuela. Reconstruir a experiências turística com base nas memórias perdidas. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, 2010. p.315-336.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. Introdução. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, 2010. p.13-20.

QUEVEDO, Mariana. (Org.). **Turismo na era do conhecimento**. Florianópolis: Pandion, 2007.

SEBBEN, Andréa. **Intercâmbio cultural: para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

SOARES, Tamara Coleho. **Características do turismo de experiência: estudos de caso em Belo Horizonte e Sabará sobre inovação e diversidade na valorização dos clientes**. 2009. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2009.

SOUSA, Andréia Nádia Lima de. Globalização: origem e evolução. **Caderno de Estudos Ciência e Empresa**, Teresina, ano 8, n.1, p.02-16, jul. 2011.

TAMIÃO, Talita Segato. **Intercâmbio estudantil universitário e acolhimento**. 2010. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi – UAM, São Paulo, 2010.

TOZZI, Eliza. **A importância de ser global**. São Paulo: Você S/A, 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2004.